

## Mulheres no trabalho: Conquistas notáveis na América Latina e Caribe

[Natalija Novta](#), [Alejandro Werner](#), e [Joyce Wong](#)

15 de setembro de 2016

Na maioria dos países, há mais homens do que mulheres exercendo funções remuneradas. A participação média na força de trabalho é de 80% entre os homens mas apenas 50% entre as mulheres. Ou seja, quase metade do potencial produtivo das mulheres permanece inexplorado, em comparação a um quinto do dos homens.

Assim como no resto do mundo, o trabalho das mulheres ainda é um recurso subutilizado na América Latina e Caribe. Ao longo dos últimos 20 anos, porém, as mulheres passaram a ter participação cada vez mais ativa no mercado de trabalho, reduzindo a lacuna em relação aos homens e a suas contrapartes nas economias avançadas a um ritmo impressionante. Numa região que precisa encontrar novas fontes de crescimento, o incentivo à participação feminina no mercado de trabalho ajudaria a impulsionar os níveis de renda e de emprego em todos os países.

### Grandes avanços na participação feminina...

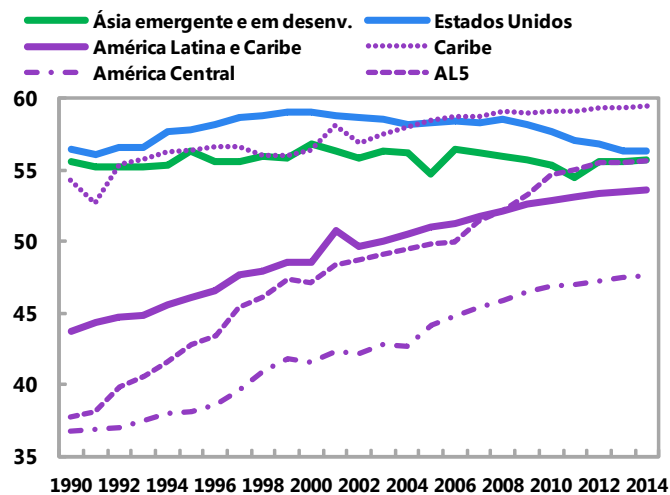
Em 1990, a participação das mulheres latino-americanas na força de trabalho era de apenas 44%. Em 2014, havia aumentado para 54%, próxima dos níveis verificados nos Estados Unidos e nos mercados emergentes da Ásia. Mas essa melhoria encobre variações significativas dentro da região. Os países caribenhos registram taxas de participação feminina historicamente altas, que desde 2005 são superiores às dos Estados Unidos. No restante da região, a América Central e as cinco maiores economias sul-

americanas estavam quase no mesmo nível no início dos anos 90 (abaixo de 40%), mas desde então a América do Sul fez avanços significativos, enquanto a América Central evoluiu a um ritmo mais moderado (Gráfico 1).

**Gráfico 1**

**Cresce a participação das mulheres na força de trabalho da América Latina e Caribe.**

(taxa de participação feminina na força de trabalho, em porcentagem)

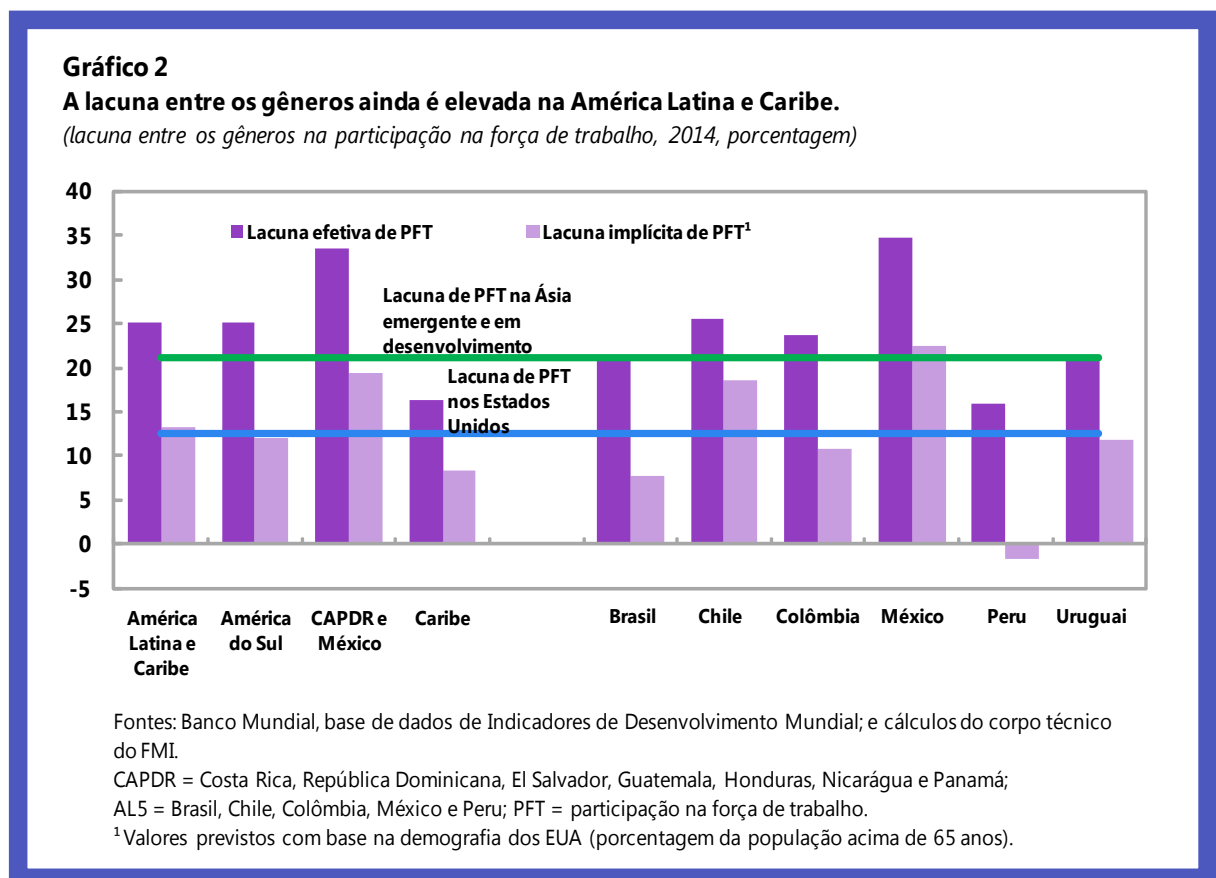


Fontes: Banco Mundial, base de dados de Indicadores de Desenvolvimento Mundial; e cálculos do corpo técnico do FMI. AL5 = Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru.

Estes ganhos na América Latina em termos de participação feminina são maiores do que os registrados em qualquer outra região desde 1990. E a participação feminina na força de trabalho da América Latina é hoje mais elevada do que aquela prevista pelo nível de renda per capita da região (tema abordado por Novta e Wong num estudo da série *IMF Working Paper* a ser publicado em breve).

### ...mas ainda há grande desigualdade entre os gêneros

Apesar desses avanços, a lacuna entre os gêneros — a diferença entre a participação masculina e feminina na força de trabalho — ainda é grande na América Latina: está próxima de 25%, quase o dobro da marca dos Estados Unidos. Um dado interessante é que essa disparidade reflete basicamente uma maior taxa de participação masculina, que, por sua vez, pode ser atribuída a uma população relativamente jovem. Quase quatro quintos dos homens participam da força de trabalho na região, contra cerca de dois terços nas economias avançadas. Se, por exemplo, a América Latina tivesse a mesma distribuição demográfica que os Estados Unidos (86% da população abaixo de 65 anos, contra 93% na América Latina), a lacuna implícita entre os gêneros cairia para 14%, em linha com a observada nos Estados Unidos (Gráfico 2).



### Novos tempos

A boa notícia é que mais mulheres jovens na América Latina estão trabalhando, sobretudo as com nível de ensino superior. Entre os jovens, a desigualdade de gêneros é menor em todos os

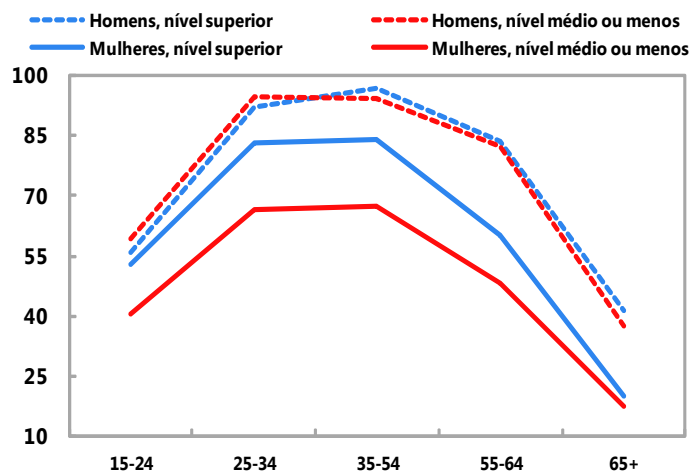
níveis de escolaridade, e quase inexistente para aqueles com alguma formação universitária (Gráfico 3). Isso provavelmente reflete a combinação de uma tendência temporal (nas novas gerações, mais mulheres trabalham) e de um elemento do ciclo de vida (muitas delas ainda não são mães). À medida que essa parcela mais jovem de mulheres atinge a idade reprodutiva, políticas que estimulem sua permanência no mercado de trabalho adquirem importância crítica, principalmente considerando que o nível de instrução das mulheres supera o dos homens, como observado em diversos países latino-americanos (Gráfico 4).

Programas gratuitos ou subsidiados de cuidados infantis, como o *Hogares Comunitarios de Bienestar Familiar* da Colômbia e o *Estancias Infantiles* do México, comprovadamente elevam a probabilidade de que as mães mantenham-se empregadas ou que não reduzam as horas de trabalho. O *Jornada Escolar Completa* do Chile produziu resultados semelhantes ao aumentar o número de horas que as crianças permanecem na escola, para que as mães tenham mais tempo disponível para trabalhar. Esses programas são direcionados às mães carentes, mas os programas de cuidados infantis dos países avançados, como Canadá, Espanha e Países Baixos, também conseguiram elevar a participação feminina na força de trabalho e o número de horas trabalhadas. Além

**Gráfico 3**

**Mulheres mais jovens e com melhor formação estão trabalhando cada vez mais.**

(participação na força de trabalho por idade, gênero e escolaridade, porcentagem)



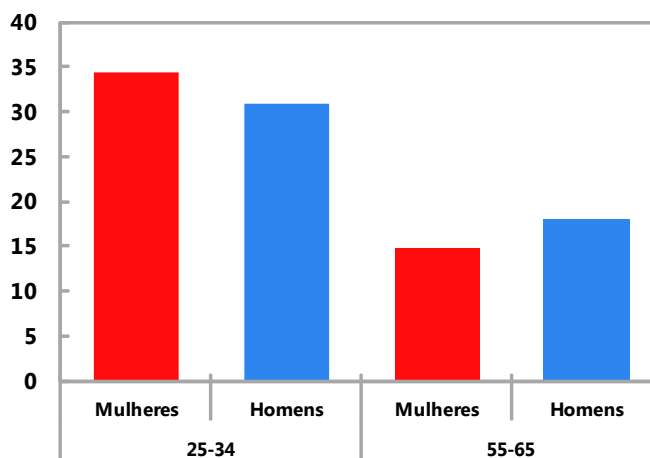
Fontes: Inquéritos domiciliares; e cálculos do corpo técnico do FMI.

Obs.: Últimos dados disponíveis. Média simples de Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Uruguai. Nível superior = universidade incompleta ou mais. Nível médio ou menos = segundo grau completo ou menos.

**Gráfico 4**

**Em diversos países latino-americanos, as mulheres mais jovens têm melhor nível de instrução que os homens.**

(formação universitária por idade e gênero, porcentagem)



Fontes: Inquéritos domiciliares; e cálculos do corpo técnico do FMI.

Obs.: Últimos dados disponíveis. Média simples de Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Uruguai. Nível superior = universidade incompleta ou mais.

disso, políticas que promovam a educação feminina ou garantam os mesmos direitos legais às mulheres também contribuiriam para elevar a participação feminina no mercado de trabalho.

### **Estímulo ao crescimento**

Os ganhos potenciais da maior participação feminina poderiam ser bastante elevados, embora seja difícil calcular sua magnitude exata. Segundo cálculos ilustrativos, mantidas as demais condições, se os países latino-americanos aumentassem a participação feminina na força de trabalho para a média dos países nórdicos (61%), seu PIB per capita poderia ser até 10% maior, dependendo do país e do atual nível de participação. [Um estudo recente do FMI sobre o Canadá](#) mostra que os ganhos de produtividade devido à maior integração das mulheres na força de trabalho poderiam ser elevados. Outras estimativas apontam para um possível aumento do PIB per capita que varia de cerca de 7% em escala mundial até cerca de 17% na América Latina.

O impacto direto positivo da inserção feminina no mercado de trabalho é apenas o começo. Adotar políticas que apoiem as mulheres que trabalham, como as já citadas, ou políticas que assegurem a igualdade de remuneração por trabalho de igual valor, fortalece o poder de decisão da mulher no lar. Considerando que as mulheres dedicam mais recursos aos cuidados de saúde e educação dos filhos, isto beneficiaria toda a família, além de aumentar os níveis de produtividade e proporcionar um estímulo à economia.

\*\*\*\*\*

**Natalija Novta** é economista da Divisão de Estudos Regionais do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, onde produz análises sobre a América Latina e o Caribe. Trabalhou também no Departamento de Finanças Públicas. Antes de ingressar no FMI, trabalhou no Conselho Fiscal e no Ministério das Finanças da Sérvia e no National Bureau of Economic Research. Doutorou-se em Economia pela Universidade de Nova Iorque. Em suas pesquisas anteriores, abordou os fluxos comerciais, o emprego no setor público e os conflitos.

**Alejandro Werner** assumiu o cargo de Diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional (FMI) em janeiro de 2013. Cidadão mexicano, construiu uma carreira de destaque nos setores público e privado, assim como no meio acadêmico. Foi Subsecretário da Fazenda e Crédito Público do México (de dezembro de 2006 a agosto de 2010), professor de Economia no Instituto de Empresa de Madri, Espanha (de agosto de 2010 a julho de 2011) e executivo da área de banca corporativa e de investimento do BBVA-Bancomer (de agosto de 2011 ao fim de 2012). Foi também Diretor de Estudos Econômicos do Banco do México e docente do Instituto Tecnológico Autônomo do México (ITAM). Já publicou numerosos trabalhos e foi apontado Jovem Líder Mundial pelo Fórum Econômico Mundial em 2007. Doutorou-se pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) em 1994.

**Joyce Wong** é uma economista da divisão do Caribe do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, atualmente responsável pela Jamaica. Trabalhou também na divisão da América Central e no Departamento Financeiro nas reformas do regime de quotas do FMI. Recebeu o seu doutorado em economia da Universidade de Nova Iorque. As suas pesquisas tratam de temas como a desigualdade, questões laborais e decisões de ciclo de vida.